



***Baltazar Dias***, coord. José Eduardo Franco, Luísa Antunes Paolinelli e Cristina Trindade, Coleção Baltazar Dias, n.º 1, [Lisboa]: Edições Esgotadas, 2018, 325 páginas. ISBN: 978-989-8911-13-1

Recensão crítica de  
**Annabela Rita\***  
Universidade de Lisboa

Baltazar Dias. Um autor madeirense do séc. XVI, cego, poeta e dramaturgo que Teófilo Braga declara “o mais conhecido e amado pelo povo” (do *Prefácio*), por isso, celebrado pelo Teatro Municipal do Funchal que o assumiu como patrono (Teatro Municipal de Baltazar Dias) e que, agora, comemora os seus 130 anos.

Com a pena em punho (ilustração de Juan Abreu), uma edição promovida pelo CLEPUL (Polo da UMa “Da Latinidade ao Multiculturalismo”) e pelo Teatro com o seu nome, abrindo uma colecção literária homónima (“Colecção Baltazar Dias”) com a coordenação geral de José Eduardo Franco, Luísa Antunes Paolinelli e Cristina Trindade, oferece-se como uma revisitação da obra do autor em textos cuidadosamente fixados por confronto de versões de aquém e além Atlântico (Portugal, Espanha e Brasil). Publicado nas Edições Esgotadas, editora que potenciará a divulgação da obra.

Trata-se de homenagem do autor no Teatro que com ele se nomeia, edifício de estilo italiano, segundo o protótipo de Teatro de S. Carlos (Lisboa) e do La Scala (Milão), planeado por Tomás Augusto Soler e, depois, por José Macedo de Araújo Júnior,

inaugurado em 1888 sob o signo da zarzuela “Las Dos Princesas”, da companhia espanhola José de Zamorano.

Abre o volume uma breve trilogia prefacial: o parecer de Teófilo Braga, seguido pelos textos institucionais de Paulo Cafôfo (Presidente da Câmara Municipal do Funchal) e Sandra Assunção Nóbrega (Chefe de Divisão da Cultura e do Turismo e Directora do Teatro Municipal Baltazar Dias), esclarecedores das circunstâncias da edição.

Segue-se a “Advertência ao Texto”, informando sobre a viagem de cotejo e de fixação textuais.

Por fim, o verbo de Baltazar Dias convida a entradas de leitura em três diferentes núcleos literários (mundos, na verdade) emoldurados por separadores quase cenográficos, cada um deles com 2 obras, como que em dípticos: “Autos de devoção/religiosos (de temática religiosa)” (com o “Auto de Santo Aleixo” e o “Auto de Santa Catarina”), “Romances (baseados nas narrativas do ciclo carolíngio)” (reunindo a “Tragédia do Marquês de Mântua” e a História da Imperatriz Porcina”) e “Trovas/Profanas” (“Malícia das Mulheres” e “Conselhos para bem casar”). Seis das treze conhecidas (algumas apenas por referências, varridas pelos ventos do tempo). Cada uma delas abre a porta do seu universo com uma ilustração de Juan Abreu exibindo os seus elementos mais destacados, portais de trânsito para um *além* de nós, um mundo já distanciado no imaginário epocal, mas que o cromatismo forte e o traço de sugestão quase infantil aproximam de nós.

A última secção da obra é “Vida e Obra – Baltazar Dias”, da autoria de Luísa Antunes Paolinelli, e percorre, rapidamente, a memória da crítica, dos dados biográficos e da obra do dramaturgo, entre os registos erudito e popular. Brevidade luminosa no modo como assinala os aspectos mais interessantes da história da leitura desse verbo (“textos de teatro, não teatro”) que aspira à encenação e à partilha, a corporificar-se em acto fugaz, em “momentos únicos, irrepetíveis, sensações e partilha” (p. 325).

Dos autos religiosos aos espelhos das “mulheres que enganaram seus maridos maliciosamente” (p. 269), é um longo e diverso itinerário pelo imaginário de um tempo que nos escapa já, mas cujas semelhanças humanas emergem, por entre as situações com moralidades (quicá, ainda) “muito proveitosa[s] para os homens, e as mulheres” (p. 287)...

Assumindo-se como “verdadeiro convite aos leitores, encenadores, actores, estudiosos [...] para descobrir a obra eclética de Baltazar Dias, a sua mestria poética, a forma hábil com que organizava as narrativas dramáticas, o conhecimento profundo do que era o teatro e de como se seduziam as audiências” (contracapa), eis a passadeira

Annabela Rita, **Recensão crítica a *Baltazar Dias*, antologia de textos coordenada por José Eduardo Franco, Luísa Antunes Paolinelli e Cristina Trindade**

---

vermelha para um edifício de outros feitos, reclamando a imaginação e a competência dramática dos que desejarem inscrever-se nesses espelhos do tempo onde nos reconhecemos sempre, apesar de *outrados* pelas circunstâncias. Resposta, também, ao apelo e anúncio da primeira fala do Imperador do primeiro Auto:

Muito há que esperamos  
vossa vinda onde estais,  
e pois que aqui nos achamos  
o que todos desejamos,  
razão é que o saibais.

(p. 13)

Afinal, como declara Luísa Marinho Antunes no final do volume, “No século XVI, não estivemos lá e não vimos. Por isso, não sabemos certamente como foi na altura de Baltazar Dias” (p. 325).

Imaginemos, pois, reunindo-nos aos que *muito esperam a nossa vinda...*

#### **Annabela Rita\***

Doutorada em Literatura Portuguesa, com Agregação, e com dois pós-doutoramentos em Literatura, que trabalha na sua relação com as outras artes. É professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Presidente da Academia Lusófona Luís de Camões, do Instituto Fernando Pessoa (da SHIP) e da Mesa da Assembleia Geral da CompaRes - International Society for Iberian-Slavonic Studies, Vice-Presidente do Conselho Científico do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes e Coordenadora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias). Integra as Direções da Associação Portuguesa de Escritores, do Observatório da Língua Portuguesa e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, a Comissão Científica Internacional da *Cátedra Infante Dom Henrique* para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH), os Conselhos Científicos e Consultivos de diversas obras, revistas académicas, nacionais e estrangeiras, instituições e plataformas interinstitucionais, tendo sido membro fundador de algumas. Obras ensaísticas principais: *Eça de Queirós Cronista. Da «Chronica» à Crónica*, 2017; *Luz e Sombras do Cânone Literário*, 2014; *Focais Literárias*, 2011; *Cartografias Literárias*, 2010 e 2012 (Brasil); *Itinerário*, 2009; *Emergências Estéticas*, 2006; [coautoria] *Teolinda Gersão: Retratos Provisórios*, 2006; *Breves & Longas no País das Maravilhas*, 2004; *Labirinto Sensível*, 2003 e 2004; *No Fundo dos Espelhos (I e II)*, 2003 e 2007; *Eça de Queirós Cronista*, 1998.